

# SABERES DO TRABALHO DE CUIDADO: MULHERES, PROFESSORAS ATUANTES EM CRECHES

ROSA, Aline Caroline da – UNISC - [acarolinedarosa@gmail.com](mailto:acarolinedarosa@gmail.com)

LAMB, Marcelo Eder – UNISC - [mlamb@mx2.unisc.br](mailto:mlamb@mx2.unisc.br)

VIEGAS, Moacir Fernando- UNISC- [mviegas@unisc.br](mailto:mviegas@unisc.br)

## Resumo

A pesquisa em andamento problematiza os saberes do cuidado no trabalho docente na Educação Infantil das professoras que atuam em creches de um município da Região Centro-Serra/RS. Entendemos que os saberes são produzidos no trabalho de cuidado e emergem do contexto histórico, político e econômico, no qual estas trabalhadoras estão inseridas, enquanto docentes e mulheres. Muitos deles possuem relações com o espaço privado, sendo saberes advindos do trabalho doméstico, da maternagem e da educação das mulheres, que aprendem a cuidar desde muito cedo. Temos como objetivo descrever, compreender e analisar as características dos saberes do cuidado presentes no trabalho docente na Educação Infantil realizado por professoras que atuam com bebês nas creches de um município da Região Centro-Serra, RS, e de que formas estes saberes se manifestam na experiência de vida e de trabalho das mulheres. Para o levantamento das informações, será realizado um estudo de caso que terá como participantes professoras que trabalham com bebês. No que diz respeito à discussão teórica, as categorias trabalho de cuidado e saberes constituem as principais do estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho Docente; Trabalho de Cuidado; Saberes do Cuidado.

## Introdução

A discussão que apresentamos aqui diz respeito às categorias centrais de uma pesquisa de doutorado em educação em andamento, e possui como objetivo principal conhecer, analisar e descrever as características dos saberes do cuidado presentes no trabalho docente na Educação Infantil em creches, assim como entender de que forma estes saberes se manifestam na prática docente. Nesse sentido, as categorias trabalho de cuidado e saberes se destacam, por possibilitarem a compreensão da categoria *saberes do cuidado*, assim como, auxiliam na descrição do trabalho docente no contexto da Educação Infantil, especificamente nas creches. Este tema de pesquisa é ainda pouco explorado pelos estudos que tratam dessa

etapa educativa e/ou pelas discussões que buscam apresentar e problematizar as relações trabalho-educação.

O trabalho de cuidado e os saberes do trabalho são categorias complexas e com aspectos que merecem detalhamentos. Justamente por isso, há a necessidade de buscar e apontar caminhos para descrever e compreender essas categorias. Nesse sentido, o trabalho de cuidado é um desafio teórico, devido às dificuldades de definição do conceito e de suas características básicas, sendo um termo considerado “interdisciplinar, multidimensional e transversal” (HIRATA, 2012). Na compreensão do conceito, entendemos que três análises se fazem necessárias: a) *a análise histórica*, que permite entender como o cuidado foi se constituindo como um trabalho feminizado; b) *a análise econômica*: sua dimensão de valor na produção e reprodução da força de trabalho e c) *a análise relacional*: como um trabalho que envolve interação e relações pessoais, que implica em uma gestão/gerenciamento, geralmente realizado pelas mulheres que, ainda hoje, são o maior público que realiza as tarefas de cuidado na sociedade (CARRASCO, BORDERÍAS, TORNOS, 2018).

Essas três análises serão apresentadas ao longo do texto, com o intuito de contextualizar os saberes que emergem do cuidado, bem como possibilitar a compreensão do conceito utilizado, considerando que nos referimos ao trabalho docente em um contexto de Educação Infantil, historicamente marcado pela feminização. Da mesma forma, na categoria saberes, nos deteremos em discutir os saberes do trabalho, considerando a condição de classe da categoria docente, por entendermos que a classe trabalhadora possui saberes culturais, sociais e históricos e os saberes específicos do trabalho docente (MARTINIC, 1994; FRANZOI, FISCHER, 2017; BRANDÃO, 1997; TARDIF, 2007).

Além de discutir e apresentar as categorias já mencionadas, iremos trazer alguns resultados parciais do estudo, fruto das discussões teóricas e revisões bibliográficas. Quanto aos resultados, destacamos que o principal corresponde a própria tese dos saberes do trabalho de cuidado, ou seja, saberes do cuidado e as características destes saberes que sofrem a influência de múltiplos aspectos presentes no cuidado e nos saberes das trabalhadoras.

Ademais, traremos brevemente o desenho metodológico da pesquisa, que até o presente momento está em fase de produção e coleta de dados, junto às professoras de Educação Infantil.

## **O trabalho de cuidado: Características e definições**

A discussão teórica sobre o trabalho de cuidado é bastante recente, tendo surgido no Brasil apenas no século XXI. As publicações na educação são ainda pouco numerosas e geralmente restritas aos estudos que discutem questões relacionadas à saúde do corpo, principalmente quando buscamos produções no campo da Educação Infantil, no qual o cuidado possui certa visibilidade e maior problematização, devido a dependência das crianças. Estas produções trazem contribuições importantes para a definição do conceito, pois, além de descrever características essenciais, como é o caso da preocupação com o bem-estar do outro, trazem também diferentes abordagens de como este trabalho é compreendido pelos professores.

Como dissemos, na área da educação, sobretudo nas pesquisas que tratam do trabalho docente, o trabalho de cuidado ainda é pouco explorado, embora ele seja essencial na prática educativa. Encontramos contribuições sobre o tema, no campo que estuda e problematiza as reproduções sociais, de gênero e/ou infâncias (FEDERICI, 2019; KUHLMANN, 1988; RIZZINI, RIZZINI, 2004), que trazem aspectos relevantes para a análise aqui apresentada.

Conforme afirmamos na introdução, para a definição do trabalho de cuidado, discorreremos sobre três análises: *a histórica*, *a econômica* e *a relacional*, apoiando-nos em Hirata (2016), Solís (2009) e Carrasco, Borderías, Torns (2018). Tratam-se de análises que discutem diferentes vários aspectos do trabalho de cuidado, nos permitindo compreender suas características básicas.

Por meio da perspectiva histórica, bem delineada por Carrasco, Borderías e Torns (2018), compreendemos como o trabalho de cuidado foi se constituindo tema importante nos debates da atualidade. Consideramos que o conceito acompanha as mudanças que ocorrem na sociedade, pois veremos que o tema está presente desde a história das mulheres e crianças até a crise sanitária da recente pandemia. Além disso, é importante destacar que as experiências de cuidado não são iguais para todas as mulheres, considerando as questões de classe, raça e gênero, um tripé essencial para a análise da realidade social.

Na discussão proposta por Carrasco, Borderías e Torns (2018) há um entrelaçamento entre o cuidado e as discussões que foram emergindo no mundo privado, tais como as transformações no tempo da família e da maternidade. Essas transformações, somadas aos avanços no mercado de trabalho e nas políticas públicas, modificaram também o conceito de criança e infâncias. Os avanços se deram em grande parte devido às lutas dos movimentos feministas, que sempre tiveram como pauta os direitos das mulheres a outros espaços, além do âmbito privado. Todos estes movimentos foram contribuindo para que se estabelecesse uma

determinada visão do cuidado (Carrasco, Borderías, Torns, 2018). De tal forma que com as mulheres adentrando no mercado de trabalho, além de serem aquelas que realizam as atividades domésticas e de cuidado, elas passaram a contribuir ainda mais com o mercado, por meio do trabalho mercantilizado/ remunerado e reconhecido como trabalho. Uma vez que a alta demanda de tarefas das mulheres fez, e faz até hoje, com que haja aumento significativo na carga de trabalho e embora sua entrada no mercado tenha sido uma conquista, ela foi acompanhada por uma condição de precariedade laboral que segue até os dias de hoje.

O que nos interessa não é trazer todos os movimentos históricos que levaram o cuidado a ser compreendido como um trabalho de mulher, e sim afirmar que desde muito tempo são as mulheres as principais provedoras deste trabalho e que embora tenham entrado no mercado, nunca deixaram de ser responsável pela reprodução, que envolve o trabalho de cuidado e o trabalho doméstico. Nesse sentido, o entrelaçamento proposto por Carrasco, Borderías e Torns (2018), possibilita compreender os movimentos históricos e sua influência nas facetas que fazem parte do trabalho de cuidado, enquanto conceito teórico.

Do prolongamento da jornada de trabalho feminino surge a impossibilidade das mulheres cuidarem de seus filhos sem uma rede de apoio, o que traz a necessidade de políticas públicas voltadas ao cuidado, como é o caso das creches. Além disso, cabe destacar que o cuidado não era exclusivamente aos filhos, mas também das famílias, como é o caso do cuidado com idosos e com as demandas domésticas da casa. Quando as mulheres entram no mercado de trabalho, se modificaram as famílias, pois até então, esta tarefa era da mãe, esposa, dona de casa (CARRASCO, BORDERÍAS, TORNS, 2018; BORGEAUD-GARCÍANDIA, 2018) nos espaços privados. Assim, surge uma necessidade de espaço públicos de cuidado, que também foram e seguem sendo, até hoje, ocupados pelas mulheres.

A segunda análise que consideramos importante é a econômica. O pensamento econômico, ao associar o trabalho de mercado a salário contribuiu para a desvalorização do trabalho doméstico, onde estão incluídas as tarefas de cuidado, sendo esta ocupação considerada inativa e improdutiva (CARRASCO, BORDERÍAS, TORNS, 2018). Ao mesmo passo em que o trabalho realizado pelas mulheres foi considerado historicamente importante para a modernização da sociedade, seus saberes não foram valorizados e visibilizados, embora elas levem anos de socialização para adquirir tais aprendizados (FEDERICI, 2019).

O que queremos dizer é que por muito tempo as mulheres realizam o trabalho mais importante para a manutenção da classe trabalhadora, de forma gratuita, pois se trata de um trabalho que foi naturalizado como responsabilidade feminina dentro dos lares. Quando há um

salário que garante a produção fora de casa e ignora a reprodução dos lares, se estabelece uma desvalorização do cuidado e do trabalho doméstico. Por isso, ao migrarem para o espaço público, na forma de trabalho remunerado, como é caso do cuidado realizado na enfermagem e na docência, essa desvalorização segue sendo uma característica do trabalho de cuidado.

Uma das críticas feitas pelas estudiosas feministas é que, em Marx, não havia uma discussão sobre o valor do trabalho reprodutivo que possibilitasse compreender o papel das mulheres na sociedade (FEDERICI, 2019). Assim, como não existiam análises econômicas sobre o trabalho doméstico, passou-se a discutir sua qualidade econômica no trabalho de reprodução social a partir de um “novo paradigma que situa o trabalho de cuidados como aspecto determinante da reprodução social e das condições de vida da população” (PICCHIO apud CARRASCO, BORDERÍAS, TORNS, p. 30). Para Hirata (2012), “o *care* faz parte do trabalho doméstico, enquanto trabalho doméstico realizado sem remuneração” (HIRATA, 2010, p. 47), e neste sentido se insere também como um trabalho que contribui economicamente com a sociedade, fator que não pode ser desconsiderado ao falarmos sobre trabalho de cuidado.

Quanto a análise relacional, Tronto e Fischer (1990) precursoras dos estudos sobre cuidado, destacam que “o cuidado inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso “mundo” para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e autossustentável” (TRONTO, FISCHER, 1990, p. 40). Desse modo, as autoras buscam deslocar o trabalho de cuidado da periferia para um lugar de centralidade na vida humana, trazendo à tona aspectos relacionais do trabalho, conforme veremos a seguir.

O trabalho de cuidado, segundo Carrasco, Borderías e Torns (2018),

[...] un trabajo necesario para el crecimiento y desarrollo de toda persona, para el aprendizaje del lenguaje y la socialización, para la adquisición de la identidad y la seguridad emocional, un trabajo que se había realizado a lo largo de toda la historia de la humanidad, hubiese permanecido invisible tanto tiempo (CARRASCO, BORDERÍAS, TORNS, 2018, p. 39).

A definição de *care* para estas autoras compreende dimensões cognitivas, morais e práticas. Quanto à cognitiva, elas destacam que corresponde à antecipação das necessidades e a ação e também à moral, à preocupação, solicitude e atenção com o outro. Já a dimensão prática corresponderia à ação propriamente dita, que contribui para melhorar a condição de vida e existência do outro (CARRASCO, BORDERÍAS, TORNS, 2018).

Borgeaud-Garciandía (2018) aponta que as palavras “‘cuidado’ e ‘cuidar’ abarcam diversas dimensões que reenviam à complexidade intrínseca da atividade” (BORGEAUD-GARCIANDÍA, 2018, p. 18). No caso do trabalho docente na Educação Infantil, é possível identificar todas as dimensões apresentadas pela autora, como o uso da dimensão cognitiva na antecipação das necessidades e o uso constante da moral, ao haver uma preocupação com o bem estar, uma vez que cotidianamente as professoras precisam antecipar aquilo que as crianças necessitam em suas ações.

Hirata (2010, p. 43) destaca que o cuidado é “solicitude, preocupação com o outro, estar atento a suas necessidades [...]”, ressaltando que a vinculação do trabalho de cuidado com os afetos pode gerar ambiguidades, pois se tratam de relações interpessoais e por isso, pode ser difícil mensurar a qualidade econômica do cuidado e sua relação com os sentimentos, uma vez que “estas ambiguidades alojam-se na associação do trabalho de cuidado com o dom [...] o que dificulta a sua tradução em valores monetários e afeta as tensões e lutas - explícitas ou implícitas - em torno do reconhecimento econômico do trabalho” (BORGEAUD-GARCIANDIA, 2018, p. 21).

O trabalho de cuidado é exemplar das desigualdades imbricadas de gênero, de classe e de raça, pois os cuidadores são majoritariamente mulheres, pobres, negras, muitas vezes migrantes (provenientes de migrações interna ou externa). Por ser “um conjunto de práticas materiais e psicológicas que consiste em trazer respostas concretas às necessidades dos outros (MOLINIER, 2009)”, o trabalho de cuidado de idosos, crianças, doentes, deficientes físicos e mentais, foi exercido por muito tempo por mulheres, no interior do espaço doméstico, na esfera dita “privada”, de forma gratuita e realizado por amor (HIRATA, 2016, p. 54).

No Brasil, o trabalho de cuidado vem sendo amplamente realizado pela família, vizinhos e redes sociais mais amplas (creches, cuidadoras). Dessa forma, em nosso país “a família é ainda o lugar predominante de cuidado, que é responsabilidade dos membros familiares, sobretudo mulheres, mas também das empregadas domésticas” (HIRATA, 2016, p. 60). Porém, cresce a terceirização do cuidado, com o mercado oferecendo empregadas, cuidadoras e assistentes através de agências prestadoras destes serviços (HIRATA, 2016).

A partir das análises apresentadas, buscaremos trazer algumas características do trabalho de cuidado para situá-lo no contexto do trabalho docente na Educação Infantil. Cabe ressaltar que há ainda, nas dimensões históricas, econômicas e sobretudo nas relacionais, o uso do trabalho emocional (e seu gerenciamento), sendo esta, outra faceta do *care* que merece aprofundamento em publicações futuras.

## **Cuidado e Educação: os espaços educativos das creches**

A institucionalização da Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem sido marcada por uma trajetória de separações, hierarquizações e desvalorização do trabalho exercido nesta etapa educativa, estando longe de ter reconhecimento social. O atendimento às crianças no Brasil nasce do contexto de assistencialismo e sua história é marcada por três processos de mudanças: a) as mudanças nas concepções acerca das crianças e suas infâncias; b) a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que fez com que as creches se tornassem imprescindíveis para a classe trabalhadora e c) as teorias pedagógicas do século XX, que trouxeram novas propostas aos espaços educativos. Todos estes movimentos colaboraram para a construção social, cultural e política das creches (KUHLMANN, 1988; RIZZINI, RIZZINI, 2004; KRAMMER, 1982; MOREIRA, LARA, 2012).

A história da Educação Infantil é reveladora da divisão de classes sociais. Se de um lado temos o atendimento às camadas populares por meio de instituições de caridade e religiosas, de outro temos o nascimento das pré-escolas, que surgem a partir de Friedrich Froebel, em 1873 na Alemanha, com os Jardins de Infância para crianças de classes abastadas. Em ambas as situações, o trabalho docente na Educação Infantil já era concebido como uma tarefa de mulheres, pois eram as religiosas e trabalhadoras de orfanatos que atendiam às crianças abandonadas, assim como Froebel concebia as professoras como “jardineiras” que iriam semear nos pequenos, sentimentos relacionados ao amor e à benevolência (KUHLMANN, 1988; RIZZINI, RIZZINI, 2004; KRAMMER, 1982). Estas concepções acompanham toda a história da Educação Infantil.

De acordo com Kuhlmann (1998), há três concepções que permeiam o atendimento a crianças pequenas, sendo elas, a concepção *jurídico-policia*, a *médico-higienista* e as *concepções religiosas*. As concepções jurídico-policia, religiosa e higienista tinham a intenção de “salvar” as crianças pobres. A última se fez presente por séculos, com o objetivo de construir um projeto de sociedade no qual a prioridade era o atendimento físico e a saúde de crianças, sendo a escola vista como um espaço de alcance às camadas populares (KUHLMANN, 1998). Assim, nasceu uma compreensão de cuidado relacionada estritamente ao corpo físico, ainda muito presente na Educação Infantil.

O higienismo tinha como objetivo agir sobre a infância para chegar às famílias, ensinando hábitos de higiene e saúde (RIZZINI, RIZZINI, 2004). Assim, “a criança era concebida como suporte para o empreendimento da moralização da pobreza e instrumento estratégico da ação do Estado” (MOREIRA, LARA, 2012, p. 1279). Via-se nelas uma oportunidade de “moldar” o social, a infância possuindo valor econômico indireto na medida em que por meio dela se construía um projeto de sociedade. O objetivo da concepção

higienista vinha ao encontro dos interesses do Estado de prevenir a mortalidade infantil e as doenças.

Essa história contribuiu para as concepções atuais sobre a relação entre educação e cuidado. Segundo Sayão (2005), foi no documento “Política de Educação Infantil (BRASIL, 1993) que se encontrou pela primeira vez a referência às dimensões do cuidado e da educação como definidoras das ações nas creches e pré-escolas” (SAYÃO, 2005, p. 156). Este documento enfatizava que as creches não deveriam ser apenas um local de assistência, mas também de cuidado e educação, e a Pré-Escola não deveria ser concebida como um espaço preparatório aos anos escolares seguintes, a educação como um todo devendo respeitar o crescimento integral das crianças pequenas e dos bebês.

Entendemos que, em certa medida, os avanços expressos nos documentos norteadores que apresentam os objetivos da Educação Infantil acabaram contribuindo para a “não compreensão” do que seria o trabalho de cuidado. Aparentemente, buscou-se romper com a visão assistencialista sem uma discussão profunda sobre o cuidado. Embora os documentos tratem da importância desse último na Educação Infantil, não se conhece sua abrangência, ficando os mesmos restritos a um trabalho com o corpo e com aspectos emocionais.

De acordo com Sayão (2005), os documentos oficiais utilizavam o termo “guarda” para se referir às creches, e isso só mudou com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), quando o vocábulo foi substituído por cuidado. A partir do ECA e da LDB/96, surgem novas funções para as professoras, uma vez que os objetivos da Educação Infantil foram sendo reformulados. Ainda assim, a compreensão da creche como “espaços de guarda”, ainda é bastante presente na Educação Infantil.

Embora tenham ocorrido avanços na Educação Infantil, ainda há muitas necessidades, e uma delas é a quantidade de docentes com formação para atuar nesta etapa educativa, sobretudo nas creches, uma vez que, ainda há muitos espaços nos quais não há a presença de professores e sim, monitores e estagiários, conforme observamos nas pesquisas que realizamos. Além disso, não basta contar com estes profissionais na Educação Infantil, pois há também, necessidade de reconhecimento para o trabalho que é realizado, sendo o “reconhecimento”, uma das categorias mais presente nas falas de profissionais que atuam em creches.

Com as transformações sociais e políticas propostas nos documentos normativos, as crianças passaram a ser vistas como o centro dos espaços educativos das creches. Assim, os profissionais e pesquisadores que se propõem compreender a Educação Infantil concebem as

crianças como sujeitos de direitos, em pleno crescimento e desenvolvimento integral (SAYÃO, 2005), o que trouxe avanços no campo científico e mudanças nas práticas educativas nas creches, pois cada vez mais, tem se buscado refletir e problematizar o trabalho com bebês.

Segundo Sayão (2005), existem contradições na compreensão do binômio cuidado e educação, os dois princípios básicos do trabalho na Educação Infantil. Para a autora, ao ser a creche integrada à Educação Básica e retirada do campo da assistência, “pensava-se em substituir assistência por educação tirando o foco da necessidade que as crianças pequenas têm, por sua dependência, de receber cuidado e assistência, tornando central a ‘intencionalidade educativa’ das ações” (SAYÃO, 2005, p. 157). Ou seja, nos parece que a preocupação com o rompimento com uma visão assistencialista acabou contribuindo com a desvalorização do cuidado, o que, em nosso entender, reflete no trabalho docente e nas percepções dos professores acerca daquilo que realizam cotidianamente no trabalho com crianças pequenas e bebês. Outro problema é que, ao ser tratado como especificidade da Educação Infantil, o cuidado acaba sendo desvinculado do trabalho docente nas demais etapas educativas.

Nesse sentido, Moreira e Lara (2012) afirmam que “as propostas de atendimento a infância no Brasil foram ambíguas desde sua origem institucional, sendo de predomínio da concepção educacional assistencialista, preconceituosa em relação à pobreza, descomprometida quanto à qualidade do atendimento” (MOREIRA, LARA, 2012, p. 1285). Assim, o cuidado, visto como importante para as crianças e bebês, foi, no entanto, reduzido aos cuidados básicos com o corpo e atenções às necessidades físicas, sem realmente ocorrer uma compreensão do significado do trabalho de cuidado nas escolas de Educação Infantil.

## **A categoria dos saberes: Definições e características**

Quanto à categoria saberes, destacamos que interessa-nos discutir e problematizar os *saberes do trabalho*, que são os *saberes de classe*, da classe trabalhadora. Como *saberes do trabalho* entendemos aqueles que são “produzidos, mobilizados e modificados em situação de trabalho” (FRANZOI, FISCHER, 2017, p. 147). Nesse sentido, Franzoi (2009) destaca que o trabalhador é ativo e diante das inúmeras situações de trabalho se lança a novos desafios. Assim, entendemos que o conhecimento produzido na atividade de trabalho pode conscientizar para a potência que emerge do trabalho, assim como pode oprimir, por meio da apropriação e expropriação pelo capital, dos saberes e conhecimentos dos trabalhadores.

Como Brandão (1997), entendemos que os saberes *são sociais*. Por meio deles é realizado um processo de construção e reconstrução de nossas sínteses culturais (MARTINIC, 1994). Em Brandão (1997) encontramos um caminho para compreender a característica de classe dos saberes e em Martinic (1994), a dimensão cultural, de identidade e originalidade dos saberes. A partir destes autores, entendemos que os saberes são cotidianamente produzidos e circulam entre as pessoas e entre as classes, partindo das experiências de vida das pessoas.

As ideias de Tardif (2007) contribuem para a compreensão dos saberes do trabalho docente. Para o autor, estes saberes são disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais. Ainda segundo Tardif (2007), há na prática docente uma série de saberes que são “específicos” do trabalho. No entanto, entendemos que as professoras fazem uso não somente destes saberes, mas também daqueles que são construídos em suas experiências de vida e que vão constituindo suas identidades ao longo da vida.

O conceito de saberes é complexo e com várias definições na produção acadêmica. Entendê-lo nos permite descrever e analisar o que compreendemos por saberes presentes no trabalho docente, suas características sociais, históricas e de classe, o que exige uma análise aprofundada. Pensamos que há uma variedade de aspectos presentes nos saberes docentes, como questões relacionadas à raça, classe e gênero, que acabam constituindo os saberes de cada grupo social.

Os saberes circulam nos diferentes tempos e espaços sociais. Alguns são socialmente validados e reconhecidos como úteis, produtivos, válidos, científicos ou formais, enquanto outros ficam à margem e são vistos como subalternos, secundários ou informais. A discussão sobre o conceito demanda questões como: quem produz o saber? Como ele é produzido? Como se compartilha os saberes? Há formação na produção de saberes? Quais os critérios de validade de um saber? Como os saberes não validados, podemos citar os saberes reprodutivos das mulheres, como é o caso dos saberes do cuidado, os quais são inerentes à vida, mas invisibilizados e desvalorizados historicamente.

Separar ou identificar estes saberes é igualmente difícil. Assim, nossa intenção não é responder a todas essas perguntas e sim nos aproximarmos de definições e características de tal modo que a teoria nos possibilite compreender e analisar os saberes do trabalho de cuidado das mulheres professoras, com quem iremos dialogar em nossa pesquisa. Interessa-nos, desse modo, discutir os *saberes do trabalho*, que são os *saberes de classe* da classe trabalhadora.

Para a definição do conceito de classe, recorremos a Marx e Engels (1988), que, no Manifesto do Partido Comunista, abordam a sociedade dividida em classes sociais. Para os

autores, vivemos numa sociedade dividida em classes. Uma classe é detentora dos meios de produção e a outra é desprovida desses meios, necessitando vender sua força de trabalho para sobreviver. Em nossa compreensão, ao vender sua força de trabalho, uma classe é expropriada de seus conhecimentos e saberes, e o capitalismo apropria-se dos mesmos para seu benefício.

Nesse sentido, buscamos conhecer saberes da situação de trabalho, mas que são construídos, elaborados e significados durante toda a vida das professoras e não somente no trabalho, que é o espaço para o qual, acreditamos que elas já carreguem uma série destes saberes, que vão sendo resinificados. Obviamente, há também saberes produzidos na situação de trabalho, situados na materialidade em que a atividade é desenvolvida, no nosso caso, no contexto social, econômico e político em que a categoria docente está inserida.

De acordo com Thompson, classe é um conceito histórico que resulta dos processos sociais e das experiências. Para este autor, “a classe se delinea segundo o modo como os homens e as mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do conjunto de relações sociais” (THOMPSON, 2012, p. 5). Isso nos remete a duas questões importantes. Uma delas é a característica social dos saberes de classe e a outra suas relações com a experiência. Entendemos que uma classe social e seus saberes não se definem unicamente pela dimensão econômica, mas também por sua história e contexto social e cultural. Compreendemos também a presença de aspectos subjetivos que compõem a identidade dos trabalhadores em sua condição de classe.

No mundo do trabalho, há uma permanente mobilização e produção de saberes por parte dos trabalhadores. Eles fazem uso dos conhecimentos já elaborados ao longo de suas trajetórias educativas formais e informais, os reelaboram de acordo com suas realidades e aprendem novos saberes a partir do trabalho. Por isso, entendemos que a produção de saberes está acontecendo cotidianamente na profissão docente.

Na perspectiva dos saberes, as relações sociais que permeiam o trabalho podem ser consideradas práticas educativas, uma vez que nestas relações os trabalhadores compartilham suas experiências. Tais experiências são de classe, nas quais há a imbricação do objetivo e do subjetivo, considerando que cada classe social possui uma determinada realidade de trabalho e para tal utiliza determinados tipos de saberes. Nesse contexto, há uma divisão social dos saberes que decorre da divisão do trabalho, em específico da separação entre execução e separação, onde existe uma hierarquia entre saberes, em termos de importância e validação.

Em sua análise da relação trabalho, educação e classe social, Brandão (1997) destaca que o homem foi realizando inúmeras transformações na sociedade e na natureza, afirmando que por muito tempo as práticas sociais educativas ocorriam predominantemente na relação

entre as gerações. Segundo o autor, com o surgimento da educação escolar, se constitui um novo tipo de saber e a educação popular que ocorria nas comunidades foi se deslegitimando e dando lugar aos saberes e conhecimentos formais: “a divisão social do conhecimento não ocorreu da mesma forma e da mesma vez. Ela foi acontecer nas sociedades complexas, pois antes, um mesmo saber circulava pelo domínio de toda a sociedade, pela vida comunitária, sem agentes especialistas de seu controle e sem instituições exclusivas do trabalho educativo” (BRANDÃO, 1997, p. 21). Temos como exemplo os saberes das mulheres, que sempre foram repassados de geração em geração, através da informalidade e da experiência.

Entendemos que, na medida em que a sociedade foi avançando no sistema produtivo, foi ocorrendo uma separação dos saberes. Os saberes do trabalho público/remunerado foram cada vez mais sendo validados, enquanto os saberes do mundo privado não remunerado, foram cada vez mais ficando à margem. Desse processo de transformação vai se instaurando a divisão dos saberes, que, como afirma Brandão (1997), não ocorreu de forma igualitária para todos. Desde que existe a divisão da sociedade em classes sociais, há a separação e apropriação dos saberes por parte de uma delas.

## **Caminho metodológico da pesquisa**

Nosso estudo se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso, que possui inspiração etnográfica. Buscamos, através da coleta e produção de dados, adentrar nos espaços educativos das creches e conhecer o trabalho realizado pelas professoras participantes, de tal forma que haverá diferentes momentos para a produção de dados.

No presente momento, a pesquisa se encontra em fase inicial da coleta, que está composta por três instrumentos de campo: 1) Grupos focais; 2) Entrevistas: 1ª fase - histórias de vida; 3) Observações e 4) Entrevistas - 2ª fase - Saberes do cuidado. Já realizamos um grupo focal e três entrevistas da 1ª fase, que tiveram como objetivo conhecer as histórias de vida das professoras e suas compreensões acerca dos saberes do cuidado no cotidiano do trabalho docente na Educação Infantil. Os relatos expressam diferentes especificidades da docência nesta etapa educativa, além de evidenciarem a presença dos saberes.

Participam destes momentos cinco docentes que atuam em diferentes creches de um município da Região Centro-Serra. Ao longo da pesquisa estas trabalhadoras irão participar de momentos que nos permitam compreender e explicar suas compreensões acerca dos saberes do cuidado, com base em suas experiências pessoais e profissionais.

O objetivo dos instrumentos será compreender e analisar o que as professoras têm a dizer acerca do trabalho de cuidado e dos saberes que emergem de suas práticas na Educação Infantil, além de propiciar uma situação, por meio das observações, em que a pesquisadora estará presente no trabalho das docentes, pois entendemos, com base em Borgeaud-Garciandía (2018), que

Conocer la realidad del trabajo de cuidado implica partir de los relatos en primera persona de quienes se dedican a esa tarea. Partir de la voz de los actores resulta absolutamente ineludible para indagar no sólo las representaciones y sentidos a los que da lugar, sino la complejidad intrínseca de la tarea que entremeza saberes materiales, técnicos, corporales, relacionales, cognitivos, afectivos, y remite a la condición humana que nos hace mortales, vulnerables y dependientes (BORGEAUD- GARCIAINDIA, 2018, p. 20).

Assim, concordamos com a autora sobre a importância de ouvir aquelas que realizam todos os dias o trabalho de cuidado, suas representações e sentidos atribuídos ao trabalho. Isto significa “dar voz” aos sujeitos da prática. Consideramos também as possíveis contradições que poderão emergir dos diferentes instrumentos, o que torna o campo rico de ser realizado.

## **Algumas conclusões parciais**

Nas revisões e estudos bibliográficos que realizamos se destaca a pouquíssima produção acerca do trabalho docente na Educação Infantil, principalmente quando buscamos por estudos que tratem das creches e das profissionais que nelas atuam. Embora exista uma grande quantidade de pesquisas que discutem o trabalho docente e a categoria trabalho, são pouco numerosas aquelas que trazem o cuidado na análise do trabalho docente.

As categorias aqui apresentadas merecem maiores detalhamentos e aprofundamentos, não somente em nossa pesquisa, como em outros (e futuros) estudos na área da educação.

Quanto aos dados já coletados, destacamos que as professoras trouxeram inúmeras situações cotidianas nas quais há saberes no trabalho de cuidado, bem como mencionam diferentes fontes de aquisição destes saberes. Cabe destacar que nosso principal resultado diz respeito à própria tese da pesquisa, de que há saberes do cuidado presentes no cotidiano da Educação Infantil, que são elaborados ao longo da vida das professoras. Segundo as docentes, há saberes próprios de sua condição de mulher e mãe (saberes da maternidade), que também vão sendo utilizados e reelaborados no trabalho, uma vez que, segundo elas, assim como trazem para as creches seus saberes maternos, levam saberes dos espaços educativos. Há em seus relatos uma série de experiências das quais emergem saberes do cuidado.

Destacamos que os resultados ainda se encontram em produção e análise, mas já apontam para a confirmação da tese proposta.

## REFERÊNCIAS

BORGEAUD-GARCIANDÍA, Natacha. Introducción. In: BORGEAUD-GARCIANDÍA, Natacha (Org.). *El trabajo de cuidado*. Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2018. p. 13-27.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O processo geral do saber (a educação popular como saber da comunidade). In: *Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 14-26.

CARRASCO, Cristina; Borderías, Cristina; TORNOS, Teresa (Org.). *El trabajo de cuidados: historia, teoría y políticas*. Los Libros de la Catarata, 2018.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. Editora Elefante, 2019.

FRANZOI, Naira Lisboa; FISCHER, Maria Clara Bueno. Saberes do trabalho: situando o tema no campo trabalho-educação. *Trabalho Necessário*, v.13, n.20, p.147-172, 2015. Disponível em <<https://bit.ly/2EDZ0gV>>. Acesso em: 12 set. 2017.

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Orgs.). *Cuidado e cuidadoras: as várias facetas do care*. São Paulo: Atlas, 2012. p. 27-35.

HIRATA, Helena. “O trabalho de cuidado”. *SUR Revista Internacional Direitos Humanos*, v. 13, p. 53-64, 2016.

HIRATA, Helena. Teorias e práticas do care: Estado sucinto da arte, dados de pesquisa e pontos em debate. FARIA, Nalu; MORENO, Renata. *Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres*. São Paulo: SOF, 2010.

KRAMER, Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. Achiamé, Rio de Janeiro, 1982.

KUHLMANN, Moysés Jr. *Infâncias e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MARTINIC, Sergio. Saber popular e identidade. *Educação popular: utopia latino-americana*. São Paulo: Cortez, 1994.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Estudos avançados, v. 12, p. 7-46, 1998.

MOREIRA, Jani Alves da Silva; LARA, Angela Mara de Barros. *Políticas públicas para a educação infantil no Brasil (1990-2001)*. Eduem, 2012.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2004.

SAYÃO, Deborah Thome et al. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo a partir de professores na creche*. 2005.

SOLÍS, Cristina Vega. *Culturas del cuidado em transición: Espacios, sujetos e imaginários em uma sociedade de migración*. Agotado: UOC, C.L, 2009.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. *Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”*. UNICAMP, 2012.

TRONTO, Joan. C.; FISHER, Berenice. Toward a Feminist Theory of Care. In: ABEL, E.; NELSON, M. *Circles of Care: Work and Identity in Women's Lives*. Nova Iorque: State University of New York Press, 1990.